

O Livro de Daniel - Número Trinta e Seis

O simbolismo profético de Nabucodonosor: desvendando os marcos históricos do Movimento Milerita e a visão selada do rio Ulai

Jeff Pippenger
2023-12-31

O capítulo um de Daniel representa a história do primeiro e do segundo anjo desde 11 de agosto de 1840 até 22 de outubro de 1844. O capítulo quatro de Daniel também aborda a história do primeiro e do segundo anjo desde 723 a.C. até 22 de outubro de 1844. É claro que isso é impossível de ver sem a metodologia da chuva serôdia de "linha sobre linha."

Nabucodonosor, no capítulo quatro, é um símbolo profético muito complexo. É importante lembrarmos do que ele representa à medida que começamos a considerar o deslacramento da visão do rio Ulai na história de William Miller. O segundo sonho de Nabucodonosor, não muito diferente do segundo sonho de William Miller, representava os “sete tempos”, de Levítico vinte e seis, que é o fio profético que tece todo o livro de Daniel. Quando Daniel interpretou o sonho de Nabucodonosor do capítulo quatro, ele o advertiu de um juízo vindouro e, ao fazê-lo, tipificou a primeira mensagem angélica que entrou na história no “tempo do fim”, em 1798.

Quando chegou o juízo acerca do qual Nabucodonosor havia sido advertido, sua chegada tipificou 22 de outubro de 1844, quando o juízo investigativo começou. No capítulo quatro, tanto a mensagem de advertência fornecida por Daniel quanto a chegada do juízo ligada à mensagem de advertência foram representadas pela palavra "hora". A "hora" do juízo de Nabucodonosor representava a "hora" do juízo de Deus na mensagem do primeiro anjo. Também tipificava a "hora" da lei dominical, quando o juízo executivo de Deus começa. A porção do capítulo quatro de Daniel que representa a chegada da mensagem do primeiro anjo em 1798 e a chegada do terceiro anjo em 22 de outubro de 1844, que é simbolizada pela palavra "hora", é então repetida e ampliada. A técnica de repetição e ampliação é uma técnica profética que ocorre repetidamente na profecia, mas especialmente no livro de Daniel.

Quando Nabucodonosor chegou à “hora” do juízo, os “sete tempos”, que constituíam o seu juízo, começaram, e, como rei do norte, ele então representou o juízo imposto ao reino do norte de Israel em 723 a.C. Foi-lhe dado o coração de uma besta, e uma besta é um reino na profecia bíblica, e, de 723 a.C. até 1798, ele representou as duas formas de paganismo que são tão frequentemente o assunto do livro de Daniel.

Por mil duzentos e sessenta dias, representando mil duzentos e sessenta anos, ele representou o poder devastador pagão, e então, por outros mil duzentos e sessenta dias, simbolizando mil duzentos e sessenta anos, ele representou o poder devastador papal. O coração de ambos os poderes devastadores era o mesmo, pois o papalismo é simplesmente o paganismo travestido de cristianismo.

No "fim dos dias", símbolo identificado em Daniel capítulo doze e que representa o "tempo do fim" em 1798, o seu reino lhe foi restaurado. O testemunho de Daniel capítulo quatro e o Espírito de Profecia indicam que, quando o seu reino foi restaurado no "fim dos dias", ele era um homem convertido. Ele então se torna um símbolo profético de quatro verdades significativas. Ele se torna o elo profético entre o poder do dragão do paganismo, que ele representou na primeira metade de seus "sete tempos", e o poder da besta, que ele representou na última metade de seus "sete tempos". Como símbolo desses dois poderes, apresentando-se como um reino restaurado em 1798, ele então representa o terceiro poder desolador (o falso profeta), que haveria de reinar por setenta anos simbólicos, enquanto a prostituta de Tiro ficava esquecida. Como rei da Babilônia, Nabucodonosor representa o elo profético entre os três poderes que se tornariam a Babilônia moderna nos últimos dias, a qual então conduz o mundo ao Armagedom.

Ele também representou o nascimento dos Estados Unidos como a besta da terra, que começou em 1798 como um cordeiro, simbolizado por sua experiência de conversão. Ele representaria simultaneamente os dois chifres da besta da terra, que, como republicanismo e protestantismo, representavam a força dos Estados Unidos, o que lhe permitiu tornar-se a nação mais favorecida do mundo. Contudo, ao fim dos setenta anos simbólicos, esses dois chifres seriam então representados como republicanismo apóstata e protestantismo apóstata, com ambos os chifres divididos em duas classes. O chifre do republicanismo consistiria no Partido Democrata, que abertamente desprezava os sagrados princípios da Constituição, e no Partido Republicano, que professava ser o defensor e campeão da Constituição, mas, na realidade, negava os sagrados princípios da Constituição, escolhendo tradições e costumes para suplantarem os princípios contidos naquele documento sagrado.

As duas correntes foram tipificadas pelos saduceus e fariseus no tempo de Cristo. O espírito dos saduceus e dos fariseus também se manifestaria no chifre do protestantismo apóstata, com uma classe defendendo a observância do domingo e a outra, a observância do sábado. A condição convertida de Nabucodonosor, no "fim dos dias", em 1798, representa adequadamente os Estados Unidos e ambos os chifres da besta da terra. Todos os três símbolos — a besta da terra e seus dois chifres — estavam destinados a transformar-se de cordeiro em dragão.

Nabucodonosor, no fim de seus "sete tempos", representou o elo que identificava seu reino literal da Babilônia como o símbolo da Babilônia moderna nos últimos dias, a qual é composta pelo dragão, pela besta e pelo falso profeta. Ele também representou as três entidades proféticas simbolizadas pela besta da terra com dois chifres, que muda de cordeiro para dragão durante os setenta anos simbólicos em que a meretriz de Tiro é esquecida. É significativo que seu reino literal seja justamente o reino que tipifica o reino que reina por setenta anos simbólicos.

O simbolismo de Nabucodonosor do capítulo quatro deve ser sobreposto ao capítulo um. Quando essa aplicação é feita, ela reúne os marcos da história milerita e confirma várias verdades da visão do rio Ulai que foram desseladas naquela época. O fundamento e o pilar central do movimento milerita eram a pergunta e a resposta de Daniel, capítulo oito, versículos treze e quatorze. A pergunta era: "Até quando durará a visão acerca do sacrifício diário e da transgressão da desolação, para que tanto o santuário como o exército sejam pisados?"

Das centenas, se não milhares, de palavras acrescentadas na Bíblia, apenas a palavra acrescentada "sacrifício" é identificada pela inspiração como não pertencente ao texto. Quando a palavra é devidamente removida, torna-se claro que "o contínuo e a transgressão" são dois poderes desoladores distintos. A Irmã White identifica especificamente que a palavra "sacrifício" foi acrescentada pela sabedoria humana e não se aplica ao texto, e, na mesma passagem, ela também identifica que os mileritas estavam corretos ao identificar "o contínuo" como o paganismo. Os termos gramaticais dentro da pergunta do versículo treze foram cuidadosamente identificados por Cristo por meio dos escritos da Irmã White e, quando regidos pelos textos e pelas instruções inspiradas acrescentadas, a pergunta é: "Até quando será a visão a respeito dos dois poderes desoladores do paganismo e do papismo, que haviam de pisar tanto o santuário quanto o povo de Deus?"

Portanto, quando Nabucodonosor é situado no "tempo do fim", em 1798, ele representa um homem convertido e, portanto, representa os "sábios" que compreenderiam o pilar central e o fundamento do Adventismo. Sua conversão identifica os "sábios" que entendem o "aumento do conhecimento" que foi deslacrado naquela época, mas seu próprio simbolismo profético ilustra diretamente a história que é o objeto da pergunta: "Até quando seria a visão do poder desolador do paganismo e do papismo que pisotearia o povo de Deus (o exército) e o santuário de Deus?" Como símbolo de uma "virgem prudente" que entende o "aumento do conhecimento", ele representa William Miller, pois Miller é o símbolo daqueles que foram "sábios" na história que começou no "tempo do fim", em 1798.

Nabucodonosor é um símbolo do marco do "tempo do fim" e, quando aplicado ao capítulo um, ele também representa a chegada do primeiro anjo naquele tempo, pois, no capítulo quatro, a "hora" em que Daniel dá a Nabucodonosor a mensagem de advertência marca quando o primeiro anjo chegou, e isso foi em 1798. A "hora" em que chegou o juízo de Nabucodonosor representou a "hora" do início do juízo investigativo de Deus em 22 de outubro de 1844. Os marcos produzidos pelo simbolismo de Nabucodonosor no capítulo quatro são 723 a.C., 538, 1798 (o tempo do fim) e 22 de outubro de 1844.

Os marcos da história milerita no capítulo um de Daniel começam com Jeoaquim, que é um símbolo do fortalecimento da primeira mensagem que havia chegado no "tempo do fim", em 1798. O fortalecimento da primeira mensagem, representado por Jeoaquim, assinala 11 de agosto de 1840. A subjugação de Jeoaquim dá início aos setenta anos do reinado da Babilônia, que terminam com o decreto de Ciro. O capítulo um de Daniel identifica um processo de prova em três etapas, representado como um teste alimentar, seguido por um teste visual que conclui com um teste de tornassol. Esses três testes representam 11 de agosto de 1840, quando o poderoso anjo, que não era menos do que a própria pessoa de Jesus Cristo, desceu do céu com um livrinho que o povo de Deus deveria então "comer", assim como Daniel e os três companheiros escolheram comer a dieta de legumes, em vez da dieta da Babilônia.

O segundo teste desse processo representou a manifestação da rejeição, por parte das igrejas protestantes, da mensagem de Miller (a mensagem do primeiro anjo), quando então se pôde ver uma distinção entre o movimento milerita e as igrejas protestantes, que passaram a cumprir seu

papel profético como protestantismo apóstata. A distinção entre essas duas classes foi tão marcante quanto a aparência de Daniel e dos três companheiros, que se mostrou mais formosa e mais robusta por terem comido o alimento celestial, em vez da dieta babilônica. Essa distinção foi assinalada no fim do ano bíblico de 1843 (19 de abril de 1844), quando chegou o tempo de tardança da parábola das dez virgens.

A terceira prova, que foi a prova de fogo, representou 22 de outubro de 1844, quando, após três anos, chegou a “hora” em que o próprio Nabucodonosor julgou e declarou Daniel e os três valorosos “dez vezes” melhores do que os sábios babilônios. Colocar o capítulo quatro de Daniel sobre o capítulo um produz os marcos da história milerita, começando com o “tempo do fim” em 1798; o fortalecimento da mensagem do primeiro anjo em 11 de agosto de 1840; o primeiro desapontamento em 19 de abril de 1844; e o grande desapontamento de 22 de outubro de 1844.

Além de identificar os marcos específicos da história milerita, os dois capítulos, quando reunidos "linha sobre linha", ilustram a mensagem do primeiro anjo, identificam os dois poderes desoladores que são o tema da doutrina fundamental dos dois mil e trezentos dias e também o processo de prova em três etapas de Daniel doze, que sempre ocorre quando o livro de Daniel é deslacrado.

Eles também identificam que Nabucodonosor, como símbolo dos sábios em 1798, em conjunção com seu segundo sonho no capítulo quatro, representa William Miller, cujo movimento viria a se tornar o verdadeiro chifre protestante. A obra de William Miller, que representa as verdades fundamentais do Adventismo, está representada nas duas tábuas de Habacuque, e Deus dirigiu a produção de ambas aquelas tábuas sagradas.

Havia várias verdades proféticas que Miller não percebeu corretamente, porque sua perspectiva da história profética não lhe permitia reconhecer que existem três poderes desoladores; não apenas o paganismo (o dragão), o papalismo (a besta), mas também o protestantismo apóstata (o falso profeta). Na providência de Deus, aquelas compreensões proféticas de Miller, que eram limitadas por sua perspectiva na história, não foram representadas nas duas tábuas sagradas de Habacuque.

O segundo sonho de Nabucodonosor, no capítulo quatro de Daniel, representa o segundo sonho de William Miller. Ambos os sonhos tratam dos “sete tempos”, e o sonho de Miller identifica a rejeição de sua obra que começou em 1863 e se intensifica até o Clamor da Meia-Noite. Ambos os sonhos terminam com um reino restaurado após um período de dispersão. Por essa razão, consideraremos o segundo sonho de Miller, antes de considerarmos diretamente a visão do rio Ulai que foi deslacrada em 1798.

Sonhei que Deus, por uma mão invisível, me enviou uma caixa primorosamente trabalhada, com cerca de dez polegadas de comprimento por seis polegadas de lado, feita de ébano e com pérolas curiosamente incrustadas. À caixa estava presa uma chave. Imediatamente peguei a chave e abri a caixa e, para meu espanto e surpresa, encontrei-a repleta de toda sorte e tamanho de joias, diamantes, pedras preciosas e moedas de ouro e de prata de todas as dimensões e valores, lindamente dispostos em seus respectivos lugares na caixa; e, assim dispostos, refletiam uma luz e uma glória iguais apenas às do sol.

Julguei que não devia desfrutar sozinho dessa visão maravilhosa, embora meu coração estivesse exultante com o brilho, a beleza e o valor de seu conteúdo. Por isso, coloquei-o sobre uma mesa de centro no meu quarto e mandei avisar que todos os que o desejassem poderiam vir e ver a visão mais gloriosa e brilhante jamais vista pelo homem nesta vida.

As pessoas começaram a entrar, a princípio poucas, mas o número foi crescendo até formar uma multidão. Quando olhavam pela primeira vez para dentro da caixa, maravilhavam-se e gritavam de alegria. Mas, à medida que o número de espectadores aumentava, todos começavam a mexer nas joias, tirando-as da caixa e espalhando-as sobre a mesa. Comecei a pensar que o dono exigiria de mim novamente a caixa e as joias; e, se eu permitisse que fossem espalhadas, jamais conseguiria colocá-las de volta nos seus lugares na caixa como antes; e sentia que nunca seria capaz de prestar contas, pois a responsabilidade seria imensa. Então comecei a implorar às pessoas que não mexessem nelas, nem as tirassem da caixa; mas quanto mais eu implorava, mais as espalhavam; e agora pareciam espalhá-las por todo o cômodo, no chão e em cada móvel do cômodo.

Então vi que, entre as joias genuínas e a moeda genuína, tinham espalhado uma quantidade inumerável de joias espúrias e moeda falsificada. Fiquei profundamente indignado com a sua conduta vil e ingratitude e os repreendi e censurei por isso; mas, quanto mais eu os repreendia, mais espalhavam as joias espúrias e a moeda falsa entre as genuínas.

Então fiquei irritado em minha alma física e comecei a usar força física para empurrá-los para fora do quarto; mas, enquanto eu empurrava um para fora, mais três entravam e traziam terra e aparas e areia e todo tipo de lixo, até cobrirem cada uma das verdadeiras joias, diamantes e moedas, que ficaram todas ocultas à vista. Eles também despedaçaram meu cofre e o espalharam pelo meio do lixo. Pensei que ninguém prestasse atenção à minha dor ou à minha ira. Fiquei completamente desencorajado e desalentado, sentei-me e chorei.

Enquanto eu assim chorava e lamentava pela minha grande perda e responsabilidade, lembrei-me de Deus e orei fervorosamente para que Ele me enviasse ajuda. Imediatamente a porta se abriu, e um homem entrou no aposento, ao que todas as pessoas saíram dele; e ele, tendo uma vassoura na mão, abriu as janelas e começou a varrer a sujeira e o lixo do aposento.

Gritei-lhe que parasse, pois havia algumas joias preciosas espalhadas entre o entulho.

Ele me disse: 'Não temas', pois ele 'cuidaria deles'.

Então, enquanto ele varria a sujeira e o lixo, as joias falsas e a moeda falsificada, tudo se ergueu e saiu pela janela como uma nuvem, e o vento os levou embora. Na confusão, fechei os olhos por um instante; quando os abri, todo o lixo tinha desaparecido. As joias preciosas, os diamantes, as moedas de ouro e de prata, jaziam espalhados em profusão por todo o aposento.

Em seguida, colocou sobre a mesa uma caixa, muito maior e mais bela do que a anterior, e recolheu as joias, os diamantes, as moedas, aos punhados, e atirou-os para dentro da caixa, até não restar nenhum, embora alguns dos diamantes não fossem maiores do que a ponta de um alfinete.

Então, ele me exortou: 'Venha e veja'.

"Olhei para dentro da caixa, mas meus olhos ficaram deslumbrados com a visão. Brilhavam com dez vezes a sua antiga glória. Pensei que tinham sido esfregados na areia pelos pés daqueles ímpios que os haviam espalhado e calcado ao pó. Estavam arranjados em bela ordem na caixa, cada um no seu lugar, sem qualquer esforço visível do homem que os lançou ali. Gritei de grande alegria, e esse grito me despertou." Primeiros Escritos, 81-83.

Abordaremos o sonho de Miller no próximo artigo.

A seguir está uma introdução ao segundo sonho de William Miller, escrita por James White quando ele publicou o sonho de Miller no Advent Herald.

O seguinte sonho foi publicado no Advent Herald, há mais de dois anos. Então vi que ele delineava claramente nossa experiência passada do Segundo Advento, e que Deus deu o sonho em benefício do rebanho disperso.

Entre os sinais da aproximação do grande e terrível dia do Senhor, Deus colocou os sonhos. Veja Joel 2:28-31; Atos 2:17-20. Os sonhos podem vir de três maneiras; primeiro, 'pela multidão dos negócios.' Veja Eclesiásticos 5:3. Segundo, os que estão sob o espírito imundo e o engano de Satanás podem ter sonhos por sua influência. Veja Deuteronômio 8:1-5; Jeremias 23:25-28; 27:9; 29:8; Zacarias 10:2; Judas 8. E, em terceiro lugar, Deus sempre ensinou, e ainda ensina, o seu povo, em maior ou menor grau, por meio de sonhos, que vêm por intermédio de anjos e do Espírito Santo. Aqueles que permanecem na clara luz da verdade saberão quando Deus lhes dá um sonho; e tais não serão enganados nem desviados por sonhos falsos.

'E disse: Ouvi agora as minhas palavras; se houver um profeta entre vós, eu, o Senhor, me darei a conhecer a ele em visão e lhe falarei em sonho.' Números 12:6. Disse Jacó: 'O anjo do Senhor me falou em sonho.' Gênesis 31:2. 'E Deus veio a Labão, o sírio, em sonho, de noite.' Gênesis 31:24. Leia os sonhos de José, [Gênesis 37:5-9], e depois a interessante história do cumprimento deles no Egito. 'Em Gibeão o Senhor apareceu a Salomão em sonho, de noite.' 1 Reis 3:5. A grande e importante imagem do segundo capítulo de Daniel foi dada em sonho; também os quatro animais, etc., do sétimo capítulo. Quando Herodes procurou destruir o menino Salvador, José foi avisado em sonho para fugir para o Egito. Mateus 2:13.

'E acontecerá nos ÚLTIMOS DIAS, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, e os vossos jovens verão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos.' Atos 2:17.

O dom de profecia, por meio de sonhos e visões, é aqui o fruto do Espírito Santo e, nos últimos dias, há de manifestar-se suficientemente para constituir um sinal. É um dos dons da igreja do Evangelho.

'E ele deu uns para apóstolos; e outros para PROFETAS; e outros para evangelistas; e outros para pastores e mestres; para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo.' Efésios 4:11-12.

'E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar PROFETAS,' etc. 1 Coríntios 12:28. 'Não desprezeis as PROFECIAS.' 1 Tessalonicenses 5:20. Veja também Atos

13:1; 21:9; Romanos 7:6; 1 Coríntios 14:1, 24, 39. Profetas ou profecias são para a edificação da igreja de Cristo; e não há evidência que possa ser extraída da palavra de Deus de que deviam cessar antes que cessassem os evangelistas, pastores e mestres. Mas diz o objeter: 'Houve tantas falsas visões e sonhos que não posso ter confiança em nada desse tipo.' É verdade que Satanás tem sua falsificação. Ele sempre teve falsos profetas, e certamente podemos esperá-los agora nesta sua última hora de engano e triunfo. Os que rejeitam tais revelações especiais porque existe a falsificação podem, com igual propriedade, ir um pouco mais longe e negar que Deus jamais se revelou ao homem em sonho ou visão, pois a falsificação sempre existiu.

Sonhos e visões são o meio pelo qual Deus se revelou ao homem. Por esse meio, falou aos profetas; colocou o dom de profecia entre os dons da igreja do Evangelho e classificou sonhos e visões junto com os outros sinais dos 'ÚLTIMOS DIAS'. Amém.

"Meu objetivo nas observações acima tem sido remover objeções de maneira bíblica e preparar a mente do leitor para o que se segue." James White.